

Professor: Arnin Braga

Disciplina: História da Filosofia Moderna II

Semestre: 4º de Filosofia

Tema 03:

MAQUIAVEL E SUA NOVA CONCEPÇÃO DE POLÍTICA

1. Uma nova visão de sobre a Virtude do Governante: Virtú e Fortuna

Para Maquiavel, o bom governante não é o sábio ideal de Platão, nem o governante ético de Aristóteles. Pois na realidade concreta repleta de pessoas más, tais governantes iriam à ruína. O Bom Governante é aquele que possui “Virtú” e “Fortuna”.

- “*Virtú*”: a capacidade de perceber o jogo de forças da política, e agir com maestria para manter-se no poder.

- “*Fortuna*”: é o acaso e a sorte. Não basta para o bom governante ter “virtú”, ele deve estar atento às circunstâncias e se aproveitar delas.

Somente possuindo estas duas características, um governante poderá manter-se no poder e garantir o bem comum a seus súditos.

2. A Ruptura entre Ética e Moral no pensamento de Maquiavel

Analisando a obra “O Príncipe” de Maquiavel, podemos notar que o filósofo italiano estabelece uma diferença entre “moral privada” e “moral pública”.

- *Moral Privada*: são os valores do indivíduo em particular.

- *Moral Pública*: é o bem da comunidade.

Neste sentido, um governante, para manter o bem comum da sociedade (moral pública), pode fazer coisas que vão contra sua “moral privada”, sem que isso lhe acarrete em um ato imoral. Por isso, às vezes pode ser legítimo o recurso ao mal, quando o que se visa é a preservação do bem comum da nação.

Sendo assim, Maquiavel cria uma nova concepção de política que distancia-se da concepção grega clássica, que privilegiava a imagem do “governante virtuoso” tanto em um

sentido individual quanto coletivo. A partir de Maquiavel, surge o pensamento de que uma coisa é a “vida política” e outra é a “vida pessoal”; uma coisa é a “vida profissional” e outra é a “vida pessoal”. O que se faz em uma não necessariamente deve implicar consequência na outra. Até hoje a Economia e as Relações Internacionais se baseiam nesse princípio político de Maquiavel. Por esse motivo, ele é considerado o “Pai da Política Moderna”.

3. As ideias republicanas de Maquiavel na obra “Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio”

Afirmar que Maquiavel foi um republicano talvez possa causar estranheza, pois geralmente este filósofo é apresentado como um ferrenho defensor do absolutismo. Isso se deve a partir da leitura apresada de “*O Príncipe*”. No entanto, na mesma época em que Maquiavel escrevia esta obra, ele também se debruçava sobre um importante escrito que mais tarde seria intitulado como “*Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*”. Aqui, podemos ler o seguinte fragmento:

“Percebe-se facilmente de onde nasce o amor à liberdade dos povos; a experiência nos mostra que as cidades crescem em poder e em riqueza enquanto são livres. É maravilhoso, por exemplo, como cresceu a grandeza de Atenas durante os cem anos que se sucederam à ditadura de Pisístrato. Contudo, mais admirável ainda é a grandeza alcançada pela república romana depois que foi libertada de seus reis. Compreende-se a razão disto: não é o interesse particular que faz a grandeza dos Estados, mas o interesse coletivo. E é evidente que o interesse comum só é respeitado nas repúblicas: tudo o que pode trazer vantagem geral é nelas conseguido sem obstáculos. Se uma certa medida prejudica um ou outro indivíduo, são tantos os que ela favorece, que se chega sempre a fazê-la prevalecer, a despeito das resistências, devido ao pequeno número de pessoas prejudicadas”¹

Teria Maquiavel aqui mudando de ideia? Teria ele entrado em contradição com o afirmado em “*O Príncipe*”? Na verdade, Maquiavel apresenta, por meio dessas duas obras, dois passos para a instauração de um poder forte e justo:

¹ MAQUIAVEL, Nicolau. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*. 2 ed. Brasília: Editora da UnB, 1992. pp. 197-198.

- “*O Príncipe*”: primeiramente o governante deve visar o poder na Itália dividida, unificando-a e mantendo-a forte a qualquer custo.
- “*Comentários*”: alcançada a estabilidade pelo governante, seria possível e desejável a instalação do governo republicano. Maquiavel também reconhece como parte inerente da atividade política o conflito, que se realiza pela conciliação de interesses divergentes.

Sendo assim, percebe-se na teoria de Maquiavel o esforço para criar uma nova concepção de política, distanciada da política normativa dos gregos, que privilegiava a imagem do “governante virtuoso” e que desse modo atrelava a política à moral individual. Maquiavel propõe a secularização da política (uma marca da Modernidade) ao desvincular os assuntos políticos da tutela da moral religiosa ou de normas naturais supostamente dadas pela natureza. A novidade do pensamento político de Maquiavel consiste no fato de que, agora, os valores não são dados de antemão (pela ordem natural ou por Deus), mas são uma invenção humana que surgem e dependem da realização dos interesses coletivos. Cabe, portanto, ao próprio ser humano e ao próprio governante inventarem os caminhos da política.

Outra novidade da teoria republicana de Maquiavel foi a elaboração da moderna concepção de ordem, não a ordem hierárquica que pregavam os gregos antigos e os medievais, mas uma ordem que resulta do conflito. Trata-se de uma mudança radical de enfoque, uma vez que as utopias costumam valorizar a paz de uma sociedade sem antagonismos, o que significa não reconhecer a realidade do mundo em constante confronto.

Maquiavel percebeu que a realidade do conflito é um fenômeno inerente à atividade política, e que esta se faz justamente com base na conciliação de interesses divergentes. A liberdade resulta de forças em luta, num processo que nunca cessa, já que a relação entre forças antagônicas é sempre um equilíbrio tenso.

REFERÊNCIAS

CHEVALLIER, Jean-Jacques. *As Grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias*. Agir: Rio de Janeiro, 1990.

CORTINA, Arnaldo. *O Príncipe de Maquiavel e seus leitores: uma investigação sobre o processo de leitura*. UNESP: São Paulo, 2000.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*. 2 ed. Brasília: Editora da UnB, 1992.

_____. *O Príncipe*. Editora Abril Cultural: São Paulo, 1999. (Coleção Os Pensadores)

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.